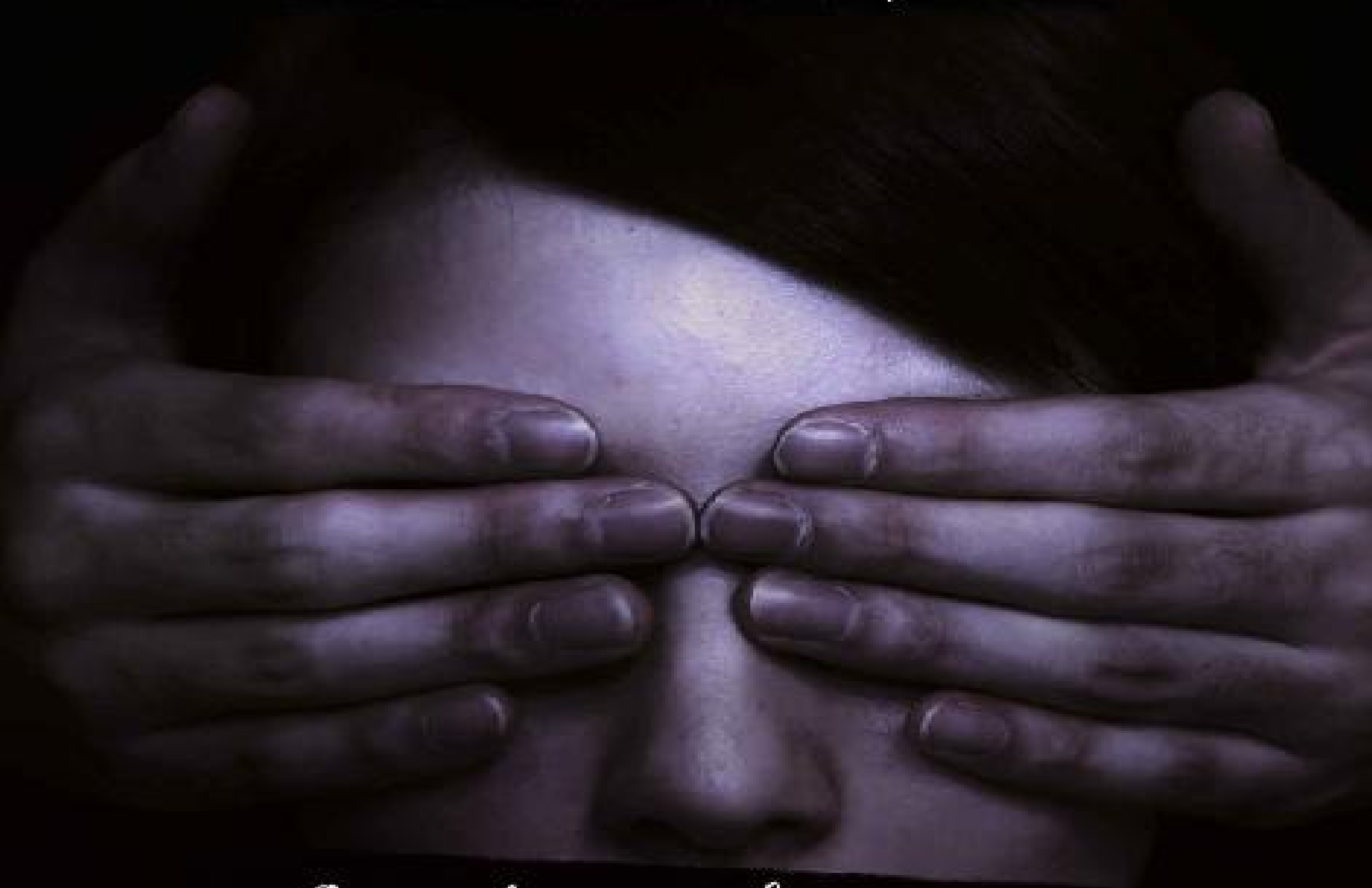
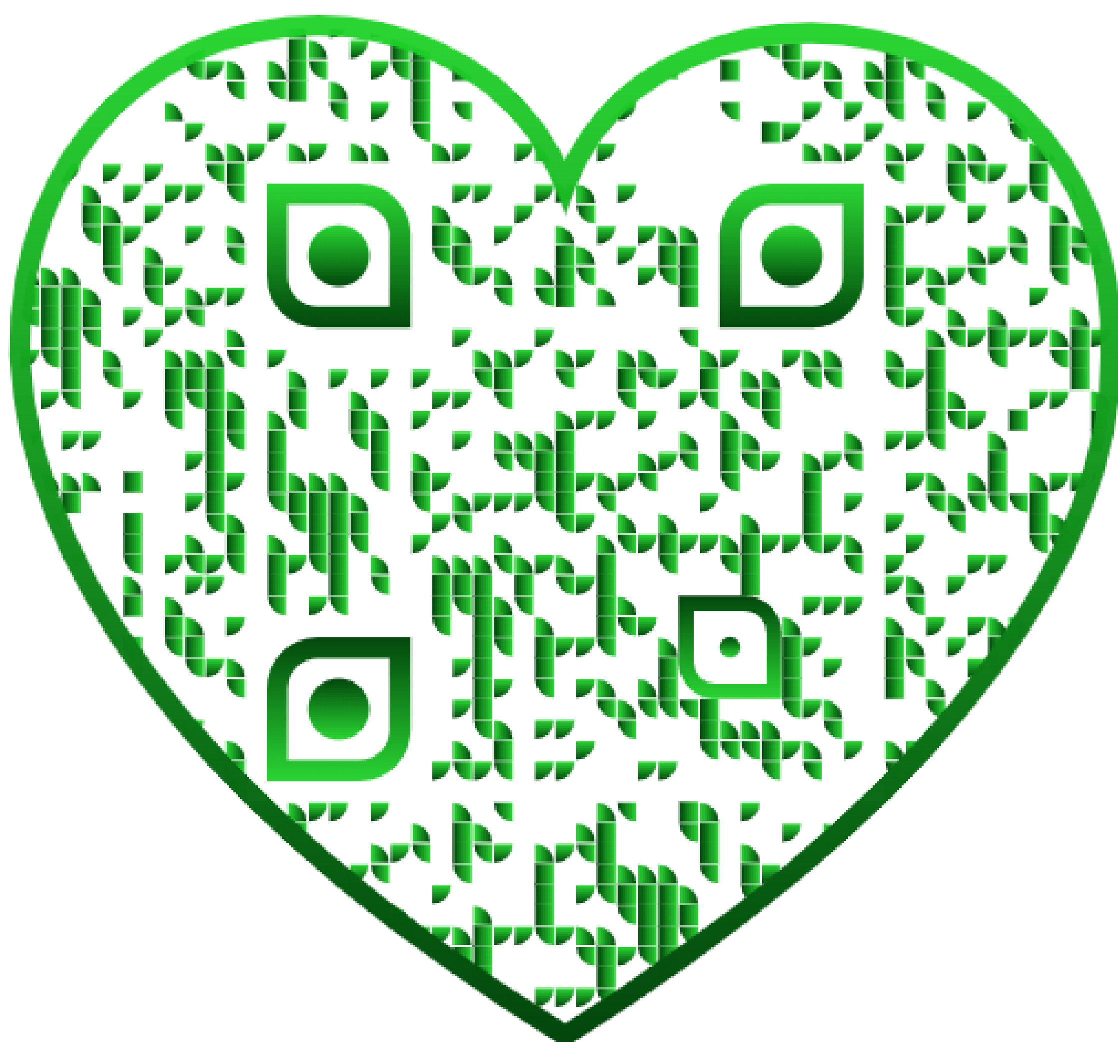
GUSTAVO PAIVA

"Insano e assustador, este é Gustavo Paiva!"
Lorhan Rocha, autor de "Eu sempre fui Azul"



Gritos de uma mente doentia



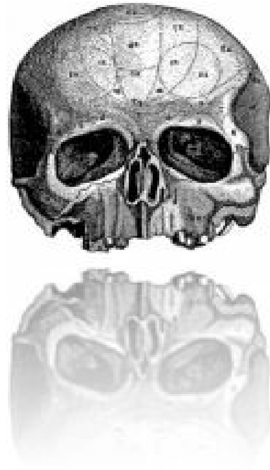
Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

Gritos de Uma Mente Doentia



1ª Edição

Gustavo Paiva

2018

À minha querida Jéssica, a qual primeiramente leu estas histórias, e ainda assim conseguiu dormir...

Copyright © 2018 por Gustavo Paiva
Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma.
Esta é uma obra de ficção

Capa: Esterccapas
Diagramação: Gustavo Paiva
Revisão: Gustavo Paiva

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

Nota do Autor

Os personagens e situações apresentadas nesta obra têm caráter fictício e de modo nenhum expressam a opinião do autor sobre quaisquer assuntos. Qualquer semelhança com a realidade pode vir a ser mera coincidência.

Sumário

Filho Único
Fio, se suncê pricizá...
Não Precisava Ser Assim
O Outro lado
Suvenir
Posfácio



Filho Único

Sanatório Santa Bibiana, 10 de outubro de 1951.

O calor é insuportável. Estou sozinho agora, ou melhor, quase sozinho. Há um enfermeiro de quase dois metros e, quem sabe, cento e tantos quilos me vigiando pelo vidro da porta destrancada. Sobre a mesa a qual me encontro há algumas folhas que me dispuseram para escrever. Sei pelo que vou passar em breve, mas ainda assim sinto alívio. É estranho, na verdade, tudo é estranho para mim agora. Acredito que seja efeito dos remédios. Ou talvez porque eu vi o que acontece quando não se segue as regras por aqui. Estou calmo, tenho que manter assim para que você conheça a minha história.

Quando o meu irmãozinho morreu a relação entre meus pais ficou uma merda, aliás, meus pais estão separados hoje em dia, mamãe na casa dela e papai no cemitério, se isso não for separado, então não sei o que é. Nas brigas sempre culpavam um ao outro. Afinal, nada teria acontecido se não tivessem deixado seu filho especial tomando conta do irmão. Já estou acostumado a ser chamado de especial. E se você não sabe, especial é um eufemismo para retardado.

Bom, quando nasci os médicos disseram que o meu problema não era grave, que com o tempo minha capacidade de aprendizado iria se adequar a das outras crianças. Eu mesmo fui notando isso ao decorrer dos anos, aprendia coisas com muito mais facilidade conforme o tempo passava, mas continuava a tirar notas baixas propositalmente, afinal, adorava como era tratado com todo zelo e mimo pelas outras pessoas. As vezes até urinava ou defecava nas calças, de propósito mesmo, isso me rendia um dia de folga da escola. Quando queria algo apenas me jogava no chão e começava a me contorcer e babar, todos ao me redor se assustavam, era quase impossível segurar o riso, mas eu conseguia.

Pelo que consigo me lembrar, até os meus doze anos fui tratado como um príncipe, até que veio a notícia. A barriga da minha mãe começou a crescer, sim, em breve eu teria um irmãozinho. A praga nasceu e eu fui gradualmente deixado de lado pelos meu pais e parentes, aquele minúsculo pedaço de carne era o príncipe da vez. Para piorar, o feto era uma criança normal, não era um defeituoso como eu. Queria mostrar para mamãe e para o papai que eu era inteligente também, mas isso implicaria em explicações que eu não queria dar. Teria de dizer que mijava nas calças de propósito e que me fazia de louco para ganhar certas mordomias. Mas como dizem... a justiça tarda, mas não falha.

Mamãe estava saindo para fazer as compras do mês no mercado que ficava apenas há duas quadras da nossa antiga casa. Ela havia acabado de dar de mamar para o pivete e disse para eu ficar de olho. Papai logo estaria em casa, ele trabalhava de segurança, mas dessa vez ele não seguraria a barra. Assim que ela saiu eu continuei com meus carrinhos, os quais mamãe insistia em me dizer que seriam do Igor assim que ele crescesse. Igor, que nome mais idiota, me dá nojo só de lembrar dele agora.

Continuei distraído com a minha coleção batendo os carrinhos uns nos outros simulando um acidente. Percebi que a "mini-desgraça" começou a tossir, uma tosse seguida de gorgolejos. Levantei-me para observar o que estava acontecendo, você não vai acreditar, o filhinho da mamãe havia se vomitado todo, a cara toda suja daquele queijo nojento. Percebi que ele estava

engasgando, a agonia naquele olhar inocente me deixou em êxtase. Senti-me imponente, quase um deus, presenciando aquela criatura inferior lutar instintivamente, em vão, pela vida. Aproximei minha cara da dele, o cheiro era horrível, e comecei a gritar: " Vai fodão, não é o queridinho da mamãe, chama ela pra te ajudar agora". Ele tossia e chorava ao mesmo tempo, as perninhas e bracinhos sacudiam aleatoriamente no ar, as mãozinhas abrindo e fechando como se pudesse agarrar a vida que se esvaecia pouco a pouco. Aos poucos a tosse e o choro foram substituídos por guinchos agudos, lembrava um gato miando. Eu gargalhava vendo aquilo. "Parece que o jogo virou, não é mesmo?!". Os bracinhos e perninhas se agitavam ainda mais rápido, seus olhinhos começaram a saltar nas órbitas, ficou ainda mais feio do que já era. Essa é uma cena que todos os defensores do Design Inteligente deveriam assistir, sistema digestivo e respiratório que se cruzam não parece ser muito inteligente, não acha?! Garanto que se sobrevivesse seria um grande nadador, demorou para morrer, tinha folego de sobra. Imagina o orgulho que mamãe e papai teriam de sua prole, exibindo suas medalhas e troféus aos amigos e familiares. Que peninha, acho que tirei o campeão do pódio.

Assim que escutei o barulho do carro do papai corri para o meu quarto, foi muito fácil fingir que estava dormindo. Papai achou o pivete duro dentro do berço, tão azul quanto minha bola favorita. Me lembro da gritaria daquele dia. Cheguei até a pensar se fariam o mesmo berreiro por mim. Provavelmente diriam: "ele iria sofrer se crescesse", "Ele descansou, sua deficiência o limitava demais, coitado".

Achei que as coisas iriam melhorar para o meu lado. Entretanto, o clima ficou chato por pelo menos três anos. Sempre que me levava para escola mamãe ficava de papo com o guarda municipal, o trouxa do papai nem imaginava. Certa noite ouvi mamãe dizer que havia perdido seu melhor presente. Como assim? Estou vivo, porra! Mas é sempre assim, o demente nunca vai ser perfeito, afinal ele caga e mija na roupa. Acho que o que mais entristecia a mamãe era o olhar de pena das outras pessoas quando ela passeava de mãos dadas comigo. A forma como eu apenas virava o rosto e não acenava de volta para as amiguinhas dela. E quando as pessoas se vangloriavam por seus filhinhos que haviam deixado a fralda e a mamadeira logo nos primeiros anos de vida. Era como se eu fosse uma doença sexualmente transmissível que ela teve o azar de contrair.

Depois de um tempo mamãe passou a me levar mais cedo para escola, para ficar se oferecendo para o guarda por mais tempo, eu acho. No meu aniversário de dezesseis anos pedi uma máquina Polaroid para o papai, ele me deu a contragosto. Era muita cara por ser lançamento. Talvez tenha se perguntado se um louco como eu conseguiria captar imagens decentes ao invés de fotografias trêmulas. Ainda bem que o pivete morreu, seria um porre dividir minha bela máquina com ele. Acho que a única coisa que mamãe gosta em mim é o dinheiro do meu benefício concedido pelo governo e as doações das instituições em que estou cadastrado, já que sou declarado incapaz e ela pode receber por mim. A rotina era essa: algumas horas de paz, muitas horas de brigas, sempre um empurrando no outro a culpa pela morte do meu irmão. E para mim nada de atenção. Abraços mesmo eu só ganhava em datas comemorativas e olha lá. Ainda bem que eu tenho uma puta máquina fotográfica. Dizem que tirar fotos de animais faz com que eles morram, adoro fotografar animais. Queria mesmo era ter tirado uma foto do meu irmão enquanto ele sufocava no próprio vômito. Não é para isso que servem as fotografias, imortalizar os bons momentos?

Bom, você deve estar tentando entender o porquê de eu estar te contando isso não é mesmo? O motivo é simples, vou sofrer uma lobotomia! Irão tirar de mim tudo o que sou e o que fui. Minha personalidade, memórias e vontades irão por água abaixo. A pessoa que sou e que fui nunca mais existirá, me diz se isso não é algum tipo de morte. E você? O que te faz ser quem você é? Talvez você nunca me entenda. Mas preciso te contar tudo isso. Deixar em você uma prova de que um dia eu existi. Ah! Esqueci de te contar o motivo de eu ter vindo parar aqui, pois vamos lá: Uma nova *praguinha* iria chegar, quase chegou, e era para ser só meu meio irmão agora. Soube disso quando acordei de madrugada e vi o guarda municipal, que ficava próximo à minha escola, em cima da mamãe. Já sou crescidinho, sei o que significa quando adultos estão pelados e gemendo. Mamãe esperava o papai sair e deixava a porta do quarto dela apenas escorada. Burra do caralho, depois o retardado sou eu né?! Ainda bem que o papai é ainda mais idiota e nem percebe que tem outro bode comendo a grama dele. Vi várias noites românticas entre os libertinos, vi até partes da mamãe que preferiria não ter visto. Ouvi a mamãe falar para o guarda que as regras dela estavam atrasadas. O Plano foi simples, a luz não ajudava, mas era nítida a silhueta dos dois nas fotografias que tirei. Coloquei todas as fotos na gaveta do escritório do papai. Ele surtou e deu uma surra na mamãe. Ela ficou com o que eu chamo de "olhos de panda". Gorda e branquela, só faltava comer bambu, mas disso o guarda já havia se encarregado. Encontrei papai pendurado no teto uma semana depois, parece que nossa família aprecia mesmo morte por asfixia. Mamãe nem sofreu tanto, já nem gostava dele mesmo. O seu Azevedo, o tal guarda, disse que assumiria o bebê, e nos aconchegou na casa dele. Mas eu o poupei de ter de criar mais um filho, fiz um chá delicioso para mamãe, disse a ela que a senhorinha da casa de ervas me disse que aliviaria os enjoos. Buchinha-do-norte – foi o chá que eu fiz – com um toque de raiz de salsa. Dei a ela sempre que sentia enjoos. E não é que funciona mesmo?! Ela expeliu uma criaturazinha estranha durante o sono, os lençóis ficaram ensopados de sangue. Depois disso não sentiu mais enjoo nenhum. Óbvio, eu a livrei daquele verme na barriga dela. Ah! Se quer saber do guarda, eu o impedi de cometer um novo erro, arranquei o pau dele fora com a mesma garrafa que quebrei na cabeça dele enquanto o desgraçado dormia.

Meu procedimento será amanhã. Há meses estou internado neste sanatório. De tanto insistir me deixaram escrever e conseguiram que eu fosse publicado no jornal local, duvido que isso aconteça, certamente pelas coisas que descrevo aqui. Mas se está lendo isso, sinta-se como se fosse meu pai ou minha mãe. Só estou aqui porque quis ser amado de verdade, amor paterno ou materno, sem ter que dividir esse amor com ninguém. Então, por favor me ame, não por pena, ou por que estou te pedindo, me ame de forma genuína, pura e plena. E mesmo que eu nunca saiba disso, faça de mim... O seu único filho.

O seu filho único.



Fio, se suncê pricizá...

I

Um cheiro leve e adocicado de incenso irradiava o local, a cerimônia já havia começado e os médiuns estavam se preparando. Dona Deise, e seu marido, Seu Brás, guiavam a Gira. A humilde senhora se levantou para chamar sua entidade, o que aumentou a expectativa de Edson. A dona do cajuá era uma senhora simples de pele negra como seus sofridos antecessores, o coração puro fazia de Dona Deise privilegiada por poder receber uma entidade tão bela como a Vó Maria Conga. Uma entidade protetora que detinha o dom do perdão acima de tudo.

Imagens de santos católicos e entidades da umbanda moldavam o altar despretensioso. Era o sincretismo religioso, vindo de épocas em que os negros precisavam mascarar seus ritos, pois a mínima representação da cultura africana era passível de punição pelos descendentes europeus.

O cômodo não era grande nem pequeno, era o suficiente para que pessoas de coração aflito exercessem sua fé. Pedidos, agradecimentos, trabalhos, passe, mandinga, axé, devoção e o mais importante: A beleza da cultura africana em forma divina.

O atabaque repicava e o coro cantava baixinho um ponto de Preto-velho. Dona Deise se curvou para frente, o corpo sacolejando, os ombros em solavancos espasmódicos, e a boca emitindo onomatopeias. “He-He! HEEE!” ela dizia, e sua voz já não era mais sua. Seus colares balançavam acompanhado o movimento do tronco, havia naquilo uma beleza rústica dos rituais afrodescendentes. De repente ela elevou seu tronco, o olhar era cansado e talvez triste, de alguém que já viveu muito e sofreu muito também. Veio a passos despreocupados, a mão direita jazia sobre a cabeça e a esquerda sobre a cintura para ajudar a suportar o tronco que pendia para o mesmo lado. Vovó Conga sentou-se em seu banquinho, riscou seu ponto no chão com um giz branco e chamou o primeiro da fila.

II

— Senhores, os senhores estão se integrando hoje ao batalhão, são soldados formados e farão parte da Companhia de Polícia da Aeronáutica. – Disse o suboficial Durval aos novos PA´s.

Os doze soldados entraram com seus olhares assustados na sala de orientações. Uma grande sala, com dezenas de cadeiras e uma enorme lousa que, além de ser utilizada para instruções e escalas de faxina e policiamento de trânsito, era também utilizada pelos soldados para representar sua arte com caricaturas e desenhos infantiloides de membros fálicos. Os novatos observavam os antigos soldados que pareciam confortavelmente hostis, os olhares varriam a sala à procura de um lugar confiável para se sentar. “Olhar de Mônica” diriam os mais antigos em referência à personagem de Mauricio de Souza, devido ao tamanho dos olhos

da baixinha dos quadrinhos. Cada um deles tinha seu nome de guerra, mas seriam os novatos, modernos ou novinhos por um bom tempo até que os mais antigos se cansassem da cara deles ou uma nova turma se formasse. Os termos tinham caráter pejorativo e atingiam o ego de qualquer militar independente de seu posicionamento na hierarquia.

— Hei novinho, caiu de paraquedas aqui né?! Com esse chassi de grilo quem te escolheu pra ser PA? – Zombou um dos soldados antigos.

— Fui voluntário, senhor. – Respondeu Gavina.

Gavina era um dos recém-chegados. Sua gandola era grande para seu porte físico, o que o fazia parecer ainda mais magro. Seus "um metro e sessenta" ajudavam ainda mais em seu *status* de piada pronta na Companhia de Polícia.

— Voluntário? Tá maluco né, moderno?! Tá tendo cota pra anão com AIDS na PA agora?

Gavina aos poucos foi notando o seu erro ao pressupor que sua coragem de trabalhar como PA seria elogiada. Ele só havia seguido seu coração assim como a Vovó Conga tinha aconselhado. Os conselhos da Vó Maria nunca falhavam e ele sabia disso. Mas não era o que estava acontecendo naquela primeira semana como PA.

A rotina era faxina e policiamento no trânsito, corrida algumas vezes por semana e quando o Suboficial estava de bom humor podiam até jogar futebol no campo local.

— Bora, cinco voluntários pra faxina. - Gritou um dos soldados de primeira classe.

Os S1, ou seja, soldados de primeira classe eram apenas um grau acima da base na pirâmide militar. A ralé então ficava por conta dos S2, soldados de segunda classe. Esse diminuto poder hierárquico dava aos S1 a sensação de ser o próprio Brigadeiro da Aeronáutica.

— Novinho, não vai se acusar não?

— Eu sou o mais antigo da minha turma, senhor. – Disse Edson Gavina.

— Porra, novinho! Tá de sacanagem? Sua turma não tem antigo! Vai fazer a caceta da faxina ou vai querer tomar uma parte já.

A lei era assim, o mais moderno toma no cu sempre até que ele fique antigo e faça as próximas turmas tomarem por ele. Gavina lavava os banheiros, o alojamento, a fachada e o que mais mandassem. Percebeu que ponderar não era boa escolha. Tirava seus serviços de sentinela acuado pelos mais antigos. E as mazelas vinham aos montes, grama nos coturnos colocadas por alguém que ele nunca descobrirá, nós nas pernas de suas calças camufladas enquanto estava no banho, chegaram até a esconder o carregador de sua pistola o que o deixou

em completo desespero.

— Que cara, Gavina! – Disse Valmir, um dos novos soldados.

— Já percebeu como a gente só se fode, cara? É cada antigo folgado que puta que pariu!

— Já que passa, mano. Quando vier a turma nova a gente desconta neles.

— Não, mano. Você quer mesmo continuar esse ciclo de merda?

Gavina e Valmir reforçavam cada dia mais a amizade que havia começado no recrutamento, a faxina já não era tão maçante quando faziam juntos, riam das coisas que aconteciam quando eram recrutas, das continências malfeitas, das marchas desengonçadas e até das broncas do Cabo Freitas. E quando tiravam serviço de sentinela juntos, o que raramente acontecia, era só risada, aos poucos foram percebendo que ser PA as vezes tinha suas vantagens. Ou não. Passavam o horário de almoço rindo e conversando e como na maior parte do tempo era só ócio podiam partilhar seus gostos pessoas e ideias. No entanto, as desvantagens eram muito maiores, não pelo serviço em si e sim pelos soldados mais antigos que insistiam em pegar no pé dos dois.

III

Em mais um dia rotineiro, no qual nada de interessante acontece, Fontes, o S1 mais antigo, entra na sala de orientações e diz:

— Cambada, o Sub precisou sair e quem tá no comando hoje é o antigão aqui. Os antigos ficam suave e os modernos vão entubar na faxina. Eu quero o alojamento e o banheiro brilhando. O S1 Elias vai só cobrar a faxina dos moleques. – Ele olha de forma desprezível para Elias e continua. – Vai lá, S1. Quem mandou ser moderno, S1 moderno é S2 do mesmo jeito.

Após ouvirem as ordens de Fontes todos os outros soldados caíram na gargalhada, fazendo chacota com o S1 Elias, o qual saiu com o semblante carregado de raiva e percebeu que até os novatos riram de sua situação. Chamar um S1 de novinho é o mesmo que dizer a uma criança de onze anos que ela não é adulta, a criança reconhece sua infantilidade, mas a vontade de ser crescida fala mais alto.

Era para ser uma simples faxina, mas como dizem: quer conhecer o quanto alguém é cuzão dê poder ao indivíduo, ou mais ou menos isso. Elias irritado por ter sido exposto na frente dos novos soldados, e dos antigos também, resolveu dar uma de durão. Descarregando a frustração no lado mais frágil da corda.

— O banheiro tá limpo, Gavina?

— Tá sim, senhor.

— Lambe a privada, então.

— Senhor, isso não é certo – Retrucou Valmir defendendo o irmão de farda.

— Porra, novinho, o poste tá mijando no cachorro agora? Cê vai lamber também pra largar de ser otário. Não vai ter nenhum problema já que sua putinha disse que o banheiro tá limpo. Foi bom rir da minha cara, não foi? Agora faz o que eu tô mandado.

Os outros novatos ouviram, mas apenas abaixaram a cabeça e continuaram seus afazeres, ninguém era louco de discutir com S1, ainda mais na Companhia de Polícia.

Elias grudou sua mão na nuca de Valmir apertando e empurrando em direção ao vaso sanitário. A violência no ato fez com que Valmir derrubasse o rodo que trazia nas mãos.

— Eu lambo sozinho, senhor. – Disse Gavina com os olhos cheios d'água. Lágrimas de ódio.

— Boa guerreiro, assim que eu gosto, soldado novo na PA tem que ser voluntário pra tudo!

O maldito S1 empurrou Valmir para fora do box e com mais facilidade ainda pegou Gavina pelo pescoço.

— Como eu sou um antigo justo cada um vai lamber um vaso, mas você começa Gavina, já que foi voluntário vou te dar essa honra.

Contar para o Suboficial aquela ordem absurda seria um tiro no pé. Mesmo que o S1 fosse punido ele diria que era brincadeira ou mudaria a história a seu favor e de sobra ainda ficaria na cola de Gavina pelo resto de seus dias na Companhia. Ficaria à espreita esperando a menor falha de Gavina para dar o troco; um coturno mal engraxado, a manga da gandola mal dobrada, ou até um tom de voz pouco acima do costume. Gavina abaixou-se chorando já com a língua para fora e foi interrompido por um baque surdo e um grito de dor. Valmir usou o rodo que estava nas mãos para golpear o S1 na face. O rodo, de cabo metálico abriu um corte no supercílio do soldado de primeira classe. Elias cambaleou e de repente já estava sobre Valmir golpeando repetidas vezes sua face. O Soldado antigo salivava e sua cara estava contorcida num misto de ódio, dor e sangue. Gavina tentou ajudar o amigo puxando Elias pela parte de trás da camisa, ao sentir o leve incomodo Elias girou o tronco e levou o braço direito em riste acertando Gavina no pescoço. O soldado baixinho e magrelo escorregou no chão liso do banheiro e caiu.

— Filho da puta! – Elias urrava enquanto desferia outro golpe e outro e outro. – Filho

da puta, desgraçado, eu vou te foder, seu moderno do caralho!

Embora Valmir tentasse se proteger cruzando os braços e fazendo um escudo na frente do rosto, não teve sucesso. A briga só parou quando o S1 mais antigo foi chamado para contê-la. Valmir foi levado inconsciente ao hospital. Estava irreconhecível, sua cara ficaria no mínimo algumas semanas deformada pelo inchaço. Mas por hora esse era o menor de seus problemas. Valmir foi sentenciado a dez dias de prisão e mais alguns dias de escala extra como sentinela, por pouco não foi transferido para o setor de serviços gerais, ou seja, a escória do batalhão. Elias voltou a vida civil, decisão do Suboficial que gritou apenas uma palavra: — Expulso!

IV

Naquela semana a briga foi a notícia do momento. Gavina e Valmir passaram a ser chamados de "O casalzinho da faxina". Os soldados comentavam que até o Sub Durval fora punido, mas disso ninguém tinha certeza, quando a arte era se safar de problemas o Sub era um verdadeiro mestre dos magos e a CPA era sua caverna do dragão. O tempo foi passando e os novatos foram fazendo amizade com os mais antigos, exceto Gavina e Valmir que continuavam ridicularizados, até mesmo os soldados da turma dos dois os chamavam de casalzinho da faxina. Sem amigos e sem ninguém em quem confiar, a amizade entre eles cresceu ainda mais. É mais fácil suportar quando se tem companhia.

As marmitas vindas do Rancho esfriavam sobre a pia do alojamento, uma comida repugnantemente insossa. Os grãos de arroz pareciam estar unidos por uma cola sabor desespero, o feijão era uma pasta de grãos malcozidos e o peixe de acompanhamento parecia ter sido temperado com detergente. Na maioria das vezes os soldados optavam pelo recurso proibido:

— Casal, a gente vai pedir lanche, vão querer? Perguntou o soldado Lemes, um dos antigos que estavam de sentinela com os dois.

— Um x-frango bacon pra mim. – Valmir disse sem tirar a cara do livro que estava lendo, decerto por vergonha do rosto ainda marcado pela surra.

— E você Gavina? Vai querer o quê? – Os novatos já começavam a ser chamados pelo nome e já não precisavam chamar os soldados mais antigos de senhor.

— Tô sem grana, Lemes.

— Eu faço a sua hoje, Gavina. – Disse Valmir.

Gavina percebeu o erro que amigo havia cometido, mais uma chuva de risadas e comentários maldoso pra cima dos dois.

— OWN! Que belezinha, vai pagar pra namorada. Se quiser também posso pedir vela pro jantar das bichas. – Disse Lemes.

O lanche chegou e Gavina comeu o mais rápido possível para poder voltar a dormir. Dormir fazia a hora passar mais rápido e evitava ser incomodado por quem quer que fosse. As vezes mesmo sem sono Gavina cobria a cabeça e se culpava por ser um anão magrelo e inútil, refletia e chegava a considerar como apropriado os elogios que recebia. Era o apagado, enrolado, lerdo, molambo, xexelento, caga-pau e outros nomes pejorativos que compunham a gíria do quartel.

Três meses, três longos meses se passaram e nada melhorava para Gavina. Valmir tinha um porte físico mais favorecido, era uma cabeça e meia mais alto que Gavina e jogava futebol muito bem por sinal, o que o fazia ser menos hostilizado pelos demais. Gavina não via a hora de uma nova turma ser encaminhada pra CPA, não para descontar nos novatos, mas para, pelo menos, ter um pouco de paz.

V

A senhorinha de branco acendeu seu cachimbo, tossiu algumas vezes e disse:

— *Fio*, pro Nosso *Sinhô* tudo tem jeito. Essas *criança* que tão fazendo *mardade c'ocê* vão *pará*. *Suncê* ainda vai ser *cabeça* lá no seu *ganha-pão*. Escuta a *véia* aqui. *suncê* vai ser aqueles *homi brabão,* forte, com um monte de *froreio* na vestimenta.

— Eu sei vó, só que eu não aguento mais. Olha só, vó, já queimaram até cigarro no meu pescoço. – Gavina disse mostrando a pequena marca que já cicatrizava. – Já pensei até em fazer besteira.

— Não f*io*, Nosso *Sinhô* sofreu mais ainda pra salva *nóis*. *Inté* a *véia* aqui *passô* perrengue na senzala. Paciência, meu *fio*, paciência. A *véia* vai *benzê suncê* e vai dar uma guia de proteção *pr'ocê*. Vai ajudar sun*cê* a ficar mais calmo.

— Tá, vó. – Sussurrou Gavina, já sem esperança.

Vovó Conga retirou um singelo colar do pescoço e foi passando pelo corpo do rapaz murmurando uma oração que só ela conhecia. Assim que terminou entregou o colar a Gavina que rapidamente colocou em seu pescoço. Gavina levantou-se, agradeceu, pediu mais uma vez a benção e partiu. No mesmo terreiro, em outro cômodo, que era um pouco mais escuro, havia outra cerimônia. Um senhor jazia na porta do quarto escuro, usava uma cartola preta sobre a cabeça e uma longa e bela capa preta e vermelha. Entre os dedos, adornados por vários anéis prateados, encontrava-se um charuto barato. Trazia na outra mão um pequeno cetro também de cor preta. Podia-se ver, por trás do senhor, à porta, várias velas acesas, pretas e vermelhas. Podia-se notar também, embora com certa dificuldade, já no fundo, imagens de Ciganas e Exus

das mais diversificadas formas, eram convidativas e assustadoras na mesma intensidade.

— Com o povo da esquerda o patrão não fala não?
Gavina, distraído, assustou-se com a voz rouca e grave.

— Laroye! Salve sua banda, Seu Tranca-Ruas. – Disse Gavina se recuperando do susto.

— Laroye! Tá acuado, patrão. Se quiser ajuda pode pedir. – Disse o senhor de cavanhaque e sorriso malicioso.

Aquele era um homem comum em dias normais, mas naquela ocasião vestia preto e era apenas o receptáculo do Exu Tranca-Ruas, era o "burro" como a própria entidade o chamava. Gavina receava pedir ajuda ao *povo da esquerda*, porém ficou bastante instigado.

— Tô bem, seu Tranca-Ruas, se precisar falo com o senhor. – Gavina encarou o broche que prendia a longa capa ao corpo do homem que agora era Exu.

O broche era o símbolo do ponto do Exu Tranca-Ruas, que é sempre desenhado a giz no chão para evocar a entidade. Um tridente: logo abaixo das três setas da ponta do tridente havia uma estrela de seis pontas. Abaixo da estrela havia um risco na horizontal e em ambos os lados do risco havia um outro pequeno risco, um para cima e o outro para baixo. Mais abaixo ainda, outro risco, este com um pequeno círculo em cada uma das pontas. O tridente encerrava na outra extremidade com um pequeno círculo e um sinal de adição. Gavina conhecia aquele símbolo. O jovem saiu rápido do local, sem olhar para trás. E mesmo à distância ainda podia ouvir a canção entoada no terreiro:

"Quando o sol aqui não mais brilhar.
Quando a lua o seu clarão refletir.
É sinal que está na hora.
É ele quem chega agora, já deu meia-noite.
Tranca-Ruas quem chega aqui."

VI

O guia de proteção garantiu a Edson Gavina dias mais amenos. Mesmo que as piadas e chacotas continuassem, não eram tão cruéis como antes. Ele tirava seu guia apenas para tomar banho no quartel, ou em dias de educação física por conta do uniforme, uma camiseta regata branca não cairia bem com o enorme colar colorido. Mas o descuido não tardou chegar. G. Morais, um S2 perto de dar baixa, ou seja, ser exonerado, encontrou o colar colorido enquanto

entrava para urinar. Estavam no alojamento do posto de sentinela. Fazia frio e a pressa de vestir a roupa e se aquecer fez com que Gavina esquecesse sua proteção no banheiro.

— Que porra é essa? – Disse o “baixante”.

— É... É meu, Morais.

— Caralho, Gavina. Você é macumbeiro?

“Mais um apelido para coleção”, pensou Gavina. Esticou a mão para pegar o guia, mas o outro soldado jogou-o no chão. Gavina recuperou o item e foi se deitar, o que era para protege-lo causou a ele ainda mais infortúnios. A partir daí a vida do jovem umbandista virou um inferno, como se já não fosse. No refeitório soldados jogavam farofa no rosto do rapaz, “leva a farofinha pro pai-de-santo”, diziam. “Hei Valmir, ele fez uma amarração segura-marido pra ficar com você”. “Macumbeiro do caralho, se eu tivesse medo de galinha preta eu não pegava sua mãe”. Os algozes de Gavina eram os Ungidos do senhor e os devotos de Maria que não se sentiam culpados pelo que faziam, afinal seguiam a religião correta, e se você pedir perdão no culto ou na missa não há nada de mais em um pecadinho de vez em quando. E quanto a amar o próximo, só se esse próximo seguir a mesma crença que você, se não... chuta que é macumba!

Nessas ocasiões Gavina cerrava os punhos com tanta força que deixava os nós de seus dedos esbranquiçados e a palma da mão marcada pela pressão das unhas. Era só isso que poderia fazer, ao menos por enquanto.

VII

De frente para caixa de areia ele municiava a pistola *taurus*, pensou em como seria fácil acabar com tudo aquilo. Mas suicídio não era uma opção para Gavina. De súbito uma canção veio à mente. “Tenho certeza que agora eu não ando sozinho. Seu Tranca-Ruas é o Dono do meu Caminho!”. Cogitou pedir ajuda a entidade da esquerda, mas preferiu mais uma vez os conselhos da Vó Maria Conga.

VIII

— Vó, o povo da esquerda nem é tão ruim assim.

— Não, meu *fio*. Mas eles são menos *evoluído espirituarmente*. Tem pouca luz. Eles *inté* ajuda, mas as *veiz* ajuda da *manera* deles, não é que são ruim, faz *mardade* porque acha que *tão ajudano*. O guia vai dá conta de protege *suncê*, fio.

— Vai nada, vó. Já tá um inferno de novo. Essa merda não prestou pra nada.

— Respeita o cajuá e a véia, *minino mar-criado*! – A senhora apenas tocou a mão do garoto com a ponta dos dedos enquanto dava a bronca. Ele sentiu como se ela o tivesse cutucado com uma agulha incandescente.

— Aí, vó. – Resmungou.

— Toma juízo, *fio*. Agora *suncê amardiçoou* o guia. Joga fora, num riacho de água corrente pra levá a *mardade* pra longe *d'ocê*. *Suncê* é *minino bão*, não carece falar essas *mardade*.

A dor na mão se juntou à dor do peito e o jovem explodiu.

— Faz o seguinte, vó, come esse colar inútil. Assim a senhora engasga e deixa de falar tanta merda.

Gavina levantou-se atirando o colar no rosto da senhora negra. Saiu pisando duro e nem notou o olhar de reprovação dos outros ao seu redor. Já no fim da rua, mesmo sem olhar pra trás, ele sentiu a respiração do Tranca-Ruas em sua orelha esquerda. Foi seguido por uma nevoa escura. Sentiu-se protegido pelo Exu, naquela noite teve um sono sem sonhos e no dia seguinte acordou disposto a mudar.

IX

— Gavina, faltam dez. Anda, macumbeiro, acorda!

A frase "faltam dez" era uma espécie de resumo para "Acorda, faltam dez minutos para iniciar sua maldita vigília como sentinela nessa merda de lugar". O serviço de sentinela do soldado da PA era basicamente garantir a segurança dos militares que moravam na vila local e identificar quem entrava e saía. Anotando a placa dos carros dos amantes das mulheres dos sargentos e suboficiais que eram durões dentro da farda, mas fora dela tinham o membro mais mole que recruta gordo em semana de ralo. O posto era vigiado por dois soldados armados de pistola que também utilizavam um colete balístico que trazia consigo o sutil aroma de carniça vencida. Afinal, colete limpo era de sargento para cima, soldado e cabo que se fodam com essa porcaria nojenta.
O tapa veio violento e atingiu entre o rosto e o pescoço de Gavina.

— Acorda, Pomba-Gira, é nosso turno, porra.

Gavina havia furtado um silenciador de pistola no setor de material bélico do batalhão, enquanto estava fazendo faxina no local. Essa era outra das habilidades de um soldado da CPA, trabalhar para os outros setores. O item raramente utilizado só iria ser dado como faltante na próxima contagem de inventário. O jovem não imaginaria que utilizaria o item tão

cedo. Mas já estava sobrecarregado de tanta humilhação. Levantou-se, ainda com o pescoço ardendo. Calçou o coturno, colocou o coldre e no bolso da calça colocou o silenciador. Ao sair, pegou a chave e trancou o alojamento como era de costume.

— Vai concluir o estágio, Gavina? – Disse o soldado antigo enquanto prendia o cordel branco e muito bem trançado em seu ombro direito.

O cordel e o brevê eram ostentados pelos soldados que concluíam tal estágio.

— Nem quero fazer essa merda!

— Merda? Amanhã o sub Durval vai saber disso. É melhor que aí você já sai da PA e nem faz o estágio, não vai passar nem da primeira noite mesmo. Na sua primeira ida pra água já vai arregar. Vou fazer questão de ficar na sua cola e te fazer desistir.

— Tanto faz, eu vou continuar recebendo o mesmo salário concluindo ou não essa gincana de vocês. – Nem mesmo Gavina sabia de onde vinha aquela coragem.

O pescoço latejava e o coração ainda estava acelerado pelo susto que só quem já acordou com um tapa conhece.

— Continua, novinho, seu couro vai arder amanhã na PA. Quero vê se vai continuar brabão desse jeito a hora que o sub estiver comendo o seu cu na frente da tropa.

O soldado mais antigo caminhava poucos passos à frente, estava sonolento e mal notou Gavina acoplar o silenciador à pistola. Morreu sem saber. O silvo discreto que a arma fez ao disparar jamais seria ouvido do alojamento, muito menos do posto de guarda que ficava a bons metros de distância dali. Fontes, o S1 antigo, apenas tombou para frente e foi de encontro ao chão. Gavina se surpreendeu com a quantidade de sangue que saía por aquele minúsculo buraco de bala, bala não, projétil, era militar e sabia o nome correto. Ainda espantado com a própria atitude arrastou o corpo do filho da puta para o meio do mato, tomando cuidado para não se sujar de sangue. Antes de continuar seu trajeto acertou o soldado morto várias vezes com a coronha da pistola, "na cara não pra não estragar o velório", pensou e riu com a ideia. Decidiu ajudar no trabalho de identificação da vítima, retirou a tarjeta da farda do cadáver, olhou o nome naquele pequenino pedaço de pano, respirou fundo e colocou-o delicadamente sobre a massa disforme que antes fora o rosto do S1. O rádio *Hand Talk* em seu pescoço começou a chiar repetidas vezes, ele sabia que eram os soldados do posto dando sinal para que trocassem o turno.

O tapa no pescoço foi o estopim para Gavina decidir que aqueles soldados que partilhavam o serviço do dia com ele iriam pagar por todas as humilhações que sofrera. Só pouparia Valmir, o único amigo que teve. O amigo que levou uma surra por ele e não pediu nada em troca. Sabia que não poderia matar todos. Mas poderia garantir o medo em quem sobrevivesse, para que não desprezassem mais nenhum soldado novato, já que saberiam que a

qualquer momento algum deles poderia surtar como ele surtou.
O jovem assassino apressou-se e ao sair do mato, assim que atirou o HT para longe de si, viu logo acima do alojamento a figura sinistra de pele avermelhada, as vestimentas negras se confundiam com o escuro da noite e a malícia no olhar era a mesma conhecida por Gavina. Lembrou-se do símbolo do tridente e apanhou o giz de cera preto que trazia consigo no bolso da gandola.

— Laroye! – Sussurrou baixinho enquanto retirava o silenciador da pistola e seguia em direção ao posto de guarda.

Caminhou sorrateiramente para a parte de trás da guarita. E com extrema cautela começou a desenhar na parede o tridente com o giz, mas não pode completar o desenho, o giz quebrou. Frustrado, sentou-se no chão atrás do posto de guarda blasfemando e só então se deu conta da desgraça que havia feito. Um assassinato e um ato de depredação de patrimônio militar, sem dúvida a pena seria extensa. Olhou para o caminho que havia feito e viu aquela criatura horrendo na estrada. A entidade retirou a cartola e jogou no matagal ao redor. Despiu-se das roupas e se aproximou totalmente nu. Gavina percebeu que a pele avermelhada do Exu tinha ganhado um tom mais escuro, agora estava totalmente negro, e viu também que o corpo era marcado por diversas cicatrizes.

— Olha o que me fez fazer. – Sussurrou Gavina ao Exu.

— Fez porque quis, patrão. A maior maldade dos vivos é colocar a culpa nos mortos. A vontade já era sua, eu só te ajudei a criar coragem. – A voz grave apresentava um tom inumano.
O rosto do Exu era carregado de ódio, em seu corpo marcas de tortura da época em que fora escravo. E por mais que Gavina tentasse não era possível enxergar os pés da entidade.

— Se é assim, já não tenho mais vontade. Eu quero parar.

— Parar, patrão? E vai aguentar a merda até quando? Levanta esse rabo daí, tá achando que vai ser fácil escapar dessa? Já tá fudido mesmo, pelo menos termina o serviço.

A criatura repousou a mão sobre a cabeça do soldado e descarregou a torrente de lembranças das humilhações que havia sofrido no quartel. O Exu gargalhava, e por um pequeno instante Gavina não acreditou que aquilo era a entidade Tranca-Ruas. Ele sabia que os Exus não eram seres malignos, apenas tinham em si algumas características humanas e buscavam a luz divina constantemente, mas a maldade e o ódio não faziam parte deles. O militar encarou o rosto disforme que se desfazia em meio a escuridão e foi cumprir suas ordens. Não voltou a acoplar o silenciador à pistola, queria ação de verdade desta vez.

X

— Morais, tenta chamar no rádio. Já tem quase meia hora e até agora nada do Fontes e do Gavina. – Disse Valmir ao soldado que o acompanhava no posto.

— O Fontes ainda passa, mas o novinho vai tomar um esporro a hora que chegar. – Respondeu Morais.

O militar pegou o rádio comunicador que no mesmo instante desligou.

— Merda, Valmir. O rádio pifou, cara.

O soldado desconectou e reconectou o rádio da tomada. A guarnição da noite teria que dividir o prejuízo entre si, se sobrasse alguma guarnição até o amanhecer, é claro.

— Tenta no celular que é melhor...

Valmir foi quem viu primeiro Gavina chegar. O soldado magrelo estava com a pistola em punho. De repente... Blam! O barulho foi ensurdecedor dentro da guarita. Morais sentiu uma pontada no ombro esquerdo e sacou sua pistola instintivamente. Atirou duas vezes contra Gavina. E errou. Morais havia feito o “Estágio de Aperfeiçoamento de Polícia de Aeronáutica” e se gabava por ter esse diferencial avançado, assim como os outros alienados que se formam no mesmo curso se gabavam. Um minicurso com mais tortura física e psicológica do que instruções decentes. Na verdade, uma espécie de gincana pra ver quais são os idiotas que conseguem permanecer mais tempo molhados no frio sem reclamar. Mas o minicurso não é de todo inútil, nele se aprende a correr molhado, fazer flexões molhado, caminhar agachado em um campo molhado, almoçar molhado e até dormir molhado. Um aprendizado tão útil quanto um isqueiro molhado. O estágio de Morais não surtiu efeito naquela noite, foi atingido por um tiro no olho direito. Se ele estivesse molhado, talvez, o resultado poderia ter sido diferente.

— Caralho, Gavina! O que você fez, mano? – Disse Valmir desesperado.

— Valmir, vaza daqui. Anda, porra!

— Tá... Tá bom, cara.

Valmir fez menção de sair da guarita e aproveitou o breve instante de distração de Gavina para se atirar sobre ele. Os dois caíram no chão do lado de fora do posto de guarda. A entidade nua gargalhava do outro lado da rua, observando a cena. A pele negra brilhava sob a luz da lua. Enquanto ria arranhava o próprio rosto, com as duas mãos, em histeria. Na queda a arma se soltou da mão de Gavina e foi parar a metros de distância. Valmir puxou um canivete militar do cinto e apontou para o rosto do amigo.

— Eu não quero te machucar, mano. Pelo o amor de Deus.

— Me corta, me corta, seu arrombado. Anda! Eles só foderam a gente, nem mereciam ter vivido tanto.

O Exu continuava a rir, Gavina o viu quando olhou para o lado. “Seu Tranca-Ruas, me ajuda”, pensou. A entidade se inclinou para frente, abriu a boca muito além do limite possível para uma pessoa viva e soprou uma névoa negra em direção aos soldados. Valmir soltou a faca. Se levantou e esticou a mão para o amigo.

— Se entrega, Gavina. Vai ser melhor. Eu passo um rádio pro Tenente de plantão e ele vem te buscar aqui. Você não é criminoso, cara.

Gavina pegou a faca do chão e desferiu um golpe no antebraço do amigo. A lâmina afiada fez um longo e profundo corte. Valmir encarava o braço com um olhar de descrença. O sangue escorria em profusão. E a faca perfurou novamente, desta vez na lateral direita do pescoço. E na mão da vítima quando tentou se proteger do próximo golpe. Na face, nos ombros, nos olhos. Mesmo depois que Valmir já não tinha vida o soldado que fora seu amigo continuava a esfaqueá-lo.

— E agora? Sou criminoso? – Berrava Gavina, desfigurando o rosto do cadáver. O rosto de Valmir exibia um sorriso sangrento, os lábios já não cobriam mais os dentes. Os olhos eram apenas buracos vertendo sangue.

O Exu pulava de alegria, deitou-se no chão e rolou gargalhando. Do meio do matagal surgiu uma velhinha de branco. Uma mão sobre a cabeça, a outra sobre a cintura. Uma aura de luz pairava sobre ela. Caminhava bamboleando e tinha o olhar duro. Agarrou o Exu pela orelha e foi arrastando a entidade, fazendo questão de esfregar o rosto do maldito no chão.

— Quiumba *mardita*! – Disse a senhora. – Se passando por Exu e *destratano* meu *minino*.

— Vó. – Edson voltou a si. Largou a faca e ajoelhou-se. – Me perdoa, vó.

Se houvesse mais alguém ali naquele momento poderia ver claramente a fumaça densa que deixava o corpo de Gavina e retornava para compor o espectro do Quiumba.

— *Craro* que eu perdoo, *fio*. Mas sun*cê* vai pagar muito *inté* consegui esse perdão. *Suncê* tiro a vida de muita gente, *inté* do seu *mió* amigo. *Disrespeito* a Gira dos *Preto-véio* e abriu passagem pra Quiumba *grudá n'ocê*. *Suncê disprezo* o guia que a *véia* deu.

A senhora fez um sinal com as mãos e o espirito maligno que se passava por Exu se

dissipou urrando de ódio e dor.

— Vai, *fio*. Corre pra longe. Vai sem roupa pelo mato e foge. Larga tudo, *fio*. Esse vai ser seu castigo. *Suncê* vai andar pelo *mundão* e nunca mais ninguém vai reconhecer *ocê*. Vai vagar *inté* seu espírito sair do corpo e quem sabe *dipois disso seu espirito* encontre perdão e paz. Saravá, fio! Que Nosso Sinhô abençoe *suncê.*

— Amém, vó. – Gavina beijou mão da velha senhora.
Já bem fundo no matagal retirou toda a farda. Arrependido e aos prantos, correu, correu, e correu, completamente nu, até os pés sangrarem em carne viva.

Os corpos foram encontrados naquela mesma madrugada, quando a viatura da patrulha passou a fim de verificar os postos de serviço como era de praxe. Os soldados que dormiam no alojamento não souberam explicar o acontecido, na verdade, ninguém soube. O caso foi registrado como Massacre Sentinela, e foi recontado no quartel até se transformar em lenda. A ignorância popular fez com que o símbolo incompleto encontrado desenhado atrás do posto de guarda fosse associado ao satanismo, e diziam que os mortos eram almas oferecidas ao demônio.

XI

E Gavina vagueou pelo mundo a procura de um perdão que talvez nunca encontrasse. Passou frio, solidão, medo, mas nunca fome, se alimentava das oferendas que uma velha senhorinha pedia que deixassem nas encruzilhadas para o seu querido neto fujão.



Não Precisava Ser Assim

Ele admirava a fulgurante lua e ela não tinha conselhos a lhe dar. Estava ofegante, o peito subindo e descendo sem controle, tal qual uma canoa mar adentro, castigada pela tempestade. Sobrepujado pelo desespero de encontrar alguma solução para a situação em que se encontrava. O sangue já havia secado em suas roupas, adquirido uma coloração mais escura. Ele sentiu aqueles olhares perscrutadores enquanto fugia, eles sabiam. Como não saberiam? Qual pessoa em sã consciência sai pelas ruas se espreitando, correndo desengonçado, coberto de sangue seco? Talvez ninguém o tenha visto. Talvez o que lhe acompanhe é a dúvida, o medo de ser descoberto.

Ele olha a faca em sua mão. Eu corri, à vista de todos, com a prova do crime, pensa. A faca chef de cabo branco, parte do conjunto que ganharam como presente de casamento, aquela que ele sempre insistia para que ela tomasse cuidado. “Não direcione a faca para si enquanto corta, meu bem” ou “Curve a ponta dos dedos enquanto corta legumes, vai evitar batatas com sangue”, eles sempre riam. Aquilo só poderia ser bufonaria do destino. Como não? Ela tinha de insistir em negar, se ela ao menos tivesse confessado, talvez tudo fosse diferente. Ele sentou em meio ao matagal, fustigado pelos insetos, “malditos carapanãs”, não era assim que seu sogro falava? Ele lembrou do senhor nordestino que trouxe a filha moça em busca de vida nova na cidade grande. Um pai rígido com uma filha tão desnaturada. Obviamente ele sabia que o sogro ensinara bons modos à filha, a bíblia era a base para Seu Nonato. Ah, mas o diabo sempre arranja formas de tentar os impuros. Silvino espantou um mosquito e sorriu de sua desgraça, pensou em como nunca havia notado traços de impureza na mulher. Recatada até as dez da noite, isso sim. Ele trabalhava tanto, doze horas por dia, quase sete dias por semana. Na folga ainda limpava a casa e preparava as refeições. “Que homem prendado, visse?!”. Ela sempre elogiava quando ele cozinhava. E os presentes fora de época? Aquele vestido rodado, quase um quarto do seu mísero salário, peça única segundo a atendente. Ele lembrou do sorriso de Meire, da forma meiga como ele encostou o vestido no corpo assim que retirou do embrulho. O vestido perfeito, deixava-a inebriante, não era decotado e cobria além dos joelhos. Depois ela pegou gosto por roupa curta. Chateava Silvino, fazia o pensar se ela não se lembrava de já ter passado dos trinta. Moça de família se vestir desse jeito, onde já se viu?

Um clarão chamou a atenção do homem no mato, dois feixes de luz acompanhados de um barulho de motor. Um susto. O veículo passou rápido o bastante para nem ao menos suspeitar de alguém escondido por ali. O cansaço veio brusco, acompanhado de um arrependimento amargo, uma espécie de bile gélida corroendo seu estômago em torvelinho. Por que, Meire? Por quê? Ele buscou em suas memórias um ponto em que justificasse a ingratidão da mulher. Nada. Anos enfrentando aqueles banheiros emporcalhados, anos assistindo adolescentes entrando naquele cinema, anos recolhendo pipocas das cadeiras. E quando ele usou aquele sapato surrado por meses, aturando o dolorido calo pouco abaixo do

tornozelo, para que sobrasse algum trocado para as alianças. Dias visitando a vitrine em contagem regressiva, contando notas e moedas, sonhando com o brilho nos olhos da noiva após o pedido. Ele se ajoelhou trazendo a caixa aveludada entre os dedos corroídos pelos produtos de limpeza. A mão dele grossa e áspera, a dela suave e delicada. Os olhos marejaram quando dela veio a torrente de "sim". Naquele dia a dor na coluna pareceu apenas mais uma pegada no piso limpo, fácil de resolver. Silvino labutava sem cessar, derramando litros de suor para de pouco em pouco encher a casa de móveis, pagava no prazo como sempre fizera, um orgulho. Encarou de novo a lua, altiva e indiferente, tomou-lhe os lábios um riso lúgubre, um esboço de canto de boca. Tanto esforço dedicado à esposa para no fim ser obrigado a tomar essa triste atitude, o tempo não volta. Quem dera voltasse. Meire era doce, mas sempre teve esse ar de mulher espevitada, o jogar de cabelo chamativo e a fala cantada. Ruy havia avisado meses antes, não? "Olha, Seu Silvino, não que esteja fazendo fuxico, mas Dona Meire anda se perfumando demais, batom mais forte. Fica de olho, a mulher de Tião começou assim, diminuindo um dedo de saia, e logo foi se embora com um rapaz mais moço". Aquilo enfureceu Silvino, chegou em casa e só fez confirmar o que já haviam lhe contado, lá estava Meire, de cabeleira solta exalando xampu, um par de argolas brilhantes nas orelhas e a alça do vestido caída em um dos ombros. Pouco bastou para Silvino agarrar-lhe o braço, apenas uma pegada firme para que ela tomasse jeito de mulher direita. "Oxi! Tá maluco, isso é jeito de chegar em casa? " Chamou a de rameira, prometeu rasgar o vestido se a mulher não tomasse tento, esbravejou sem dar chance de Meire se explicar. O assunto dormiu por um bom tempo, Meire era tinhosa como ele havia imaginado, esperou a poeira baixar para voltar a se vestir com indecência, enquanto isso ele trabalhava mais um dia, humilhado pelo povo que insistia em urinar no chão de propósito. Aturava tudo porque queria conforto para a mulher amada. Princesa que é, Meire merece isso e muito mais, pensava. E o outro lado de sua mente insistia em chamá-lo de tolo, trabalha para embelezá-la para outro. Nada faltava naquele lar para que a mulher quisesse outro. Nada.

Ele se reposicionou no mato, já havia se acostumado aos veículos indo e vindo, um pingo e outro, a garoa era branda e insistente. Gotas misericordiosas limpando-lhe a alma. Trazendo-lhe de volta resquícios de sensatez, as costas estavam latejando por conta do sacrifício da posição incômoda. Ele tornou a recapitular os fatos, buscar em si momentos que justificassem a violência que havia cometido. Estava exaurido e acabou pegando no sono, apagado pela insistente cobrança da própria mente. No sonho Meire estava mais jovem, radiante, sorrindo e chamando-o para acompanhá-la pela estreita rua de paralelepípedos, por onde ela subia ávida por algo maior. Famélica por uma experiência que ela parecia conhecer, mas que era desconhecida a Silvino. O homem correu temendo não a alcançar, temendo perder a chance de mais uma vez sentir seu cheiro, seu calor. Ele a abraçaria e tocaria seu cabelo macio, cachos negros como eram antes dela os aviltar. Ela parou sorrindo, afastou o cabelo da face e abriu os braços, ele a abraçou e sentiu as lágrimas quentes surgindo nos olhos. Algo frio tocou sua orelha, ele tentou ignorar tentando manter Meire em seus braços. Mas o incomodo era pegajoso e gélido. Acordou encarando o pequeno vira-latas que o incomodava, percebeu que o animal tremia devido ao frio da madrugada. Retirou o casaco fino e sujo de sangue e colocou sobre o cão. A faca de cabo branco estava no chão, ela refletiu sua face distorcida transformando-o em um monstro. E ele por acaso não havia se tornado um?

Meire não soube aproveitar as vezes em que ele chegava tarde do trabalho e ainda assim tinha forças para ouvi-la tagarelar sobre como havia passado o dia, sobre a menina do caixa que contabilizou um litro a mais de leite e estagnou a fila por quase um quarto de hora. Por esses dias a esposa já estava com as unhas mais compridas, ele pensou ser só displicência dela, mas não, veio a pensar depois que era somente mais uma de suas artimanhas para chamar atenção de alguém. A megera teve ainda o destemor de ajudar na barraca de quentão da festa do bairro com as malditas unhas pintadas de roxo. O cúmulo para Silvino foi ela ter usado aquele vestido de chita marcando demais sua silhueta, mereceu o tapa que ele lhe deu ao chegar em casa. Ele se lembrou de ter cuidado para não usar força demais, não queria machucá-la, apenas corrigir uma atitude desnecessária da parte dela. Ele pediu desculpas, até comprou um rosário de presente, torcendo para que ela voltasse ao caminho de retidão e largasse as ideias imorais. Dias depois ele a viu, no quarto, rezando como a carola que tinha de ser. Ela estava, aos poucos, tomando jeito de mulher correta novamente. Mas para surpresa de Silvino veio de mudança uma tal de Dona Ivani, e abriu aquela indecência no fim da pracinha do bairro, um salão que dizia que beleza era andar como rapariga. Para Silvino aquilo era o inferno na terra, as mulheres saíam de lá com as sobrancelhas dignas de mulheres da vida. Vendo as amigas comentarem sobre o novo salão, Meire decidiu fazer vergonha indo dar dinheiro suado para a aproveitadora Ivani. Silvino sabia que iria se tornar chacota na roda do bar, foi ele mesmo buscar a esposa a força naquele dia, retirou Meire arrastada de lá, retirou a toca metalizada da cabeça dela bruscamente e atirou sobre o rosto de Ivani chamando-a de cafetina. Obvio que seus amigos o elogiaram, a bebida dele foi por conta de Ruy, “Isso foi atitude de cabra-macho, toma mais uma branquinha que eu pago, homem”.

Meire andava estranha depois do episódio do salão, falando baixo, rindo pouco. Silvino sabia que ela estava tramando alguma coisa, ele havia perguntado a ela sobre duas notas de cem em seu bolso da calça, “nem vi”. E ligou os pontos pouco tempo depois, no fatídico dia em que ele veio tomar a atitude decisiva. Chegou mais cedo do trabalho e viu a mulher de cabelos curtos e dourados em frente a pia, desafivelou o cinto e golpeou nas costas antes que ele percebesse a sua presença. “Fala! Fala, sua peste! Com quem que você tá se assanhando? ”. Ela alcançou uma panela e atirou sobre ele, “Cansei. Cansei. Só porque tô me cuidando tu vem com essas bobagens de que tem outro cabra. Se quer mulher beata procura no convento, eu vou me aprumar do jeito que eu quiser. Tá pra nascer homem pra mandar em mim, visse?! ” Silvino sentiu a honra arruinada, ela usou o dinheiro sofrido que ele lutava para conseguir. “Isso é cabelo de prima”, ele esbravejava, “Rapariga”. Ela o atingiu na face com as costas da mão, certa de que daria um basta naquilo. Ele pensou no modo como viraria chacota na roda de amigos, seria outro caso para ser usado de exemplo assim como Tião, mas Tião era frouxo. Jogou Meire no chão com um empurrão e apanhou a faca sobre a pia. Talvez se ela não tivesse levantado tudo seria diferente, se ela não tivesse voltado a ir para cima dele. O primeiro talho foi no antebraço, e ele não queria atingi-la novamente, entretanto, ela gritou, gritou como mulher da vida, ele não poderia deixar que os vizinhos ouvissem. Perfurou-a na costela, nos seios, e quando ela caiu deu mais dois golpes em suas costas. Ele jamais imaginaria que aquele pequeno corpo guardava tanto sangue. Saiu de casa em desabalada carreira, correu pelas ruas cuidando para não ser visto, adentrou o matagal na primeira oportunidade.

Silvino olhou para o cachorro pensando se poderia contar a ele sua história, ter pelo

menos alguém que lhe desse razão, já que ele mesmo já não sabia se tinha. O remorso o fez levantar dali, voltar até sua casa, abandonando o cão e o casaco. Correndo novamente com a faca em punho. Meire ainda estava lá, não de costas como ele havia deixado, talvez ela ainda estivesse viva quando ele saiu. Estava agora de barriga para cima, os olhos abertos à procura de socorro. O homem deixou a faca escapar de suas mãos e sentou-se puxando a esposa morta para si. Repousou a cabeça dela sobre seu colo, acariciando os cabelos curtos manchados de sangue. “Ah, Meire, custava você ter se portado como dama?”, murmurou, mais para si próprio do que para esposa. Silvino ficou ali acariciando o cadáver, esperando alguém encontrá-los. Se enfureceu com a ideia de que alguém dos serviços funerários veria sua esposa nua.

O tempo pareceu dilatado enquanto ele encarava o porta-retratos ao lado da TV da sala. Na moldura uma bela jovem de cabelos castanhos e sorriso cândido, perfeita em seu vestido rodado, imortalizada, enquanto o tempo permitisse, naquele pedaço de papel.



O Outro lado

Ele chegou em casa e a primeira coisa que pensou foi em testar e ver se o que os amigos falaram era verdade. Ligou seu computador e na internet fez a busca que precisava. *I-Doser*, ele digitou no Google. Baixou o arquivo que, por sinal, era bem curto. Lembrou quando lhe explicaram do que se tratava; uma droga virtual, um áudio com frequência bineural, era isso mesmo? Seria real sua capacidade de ativar certas áreas do cérebro? Lucas dissera que a sensação de angústia passa pouco tempo depois, e que, no caso dele, foi difícil esquecer aqueles olhos vermelhos o encarando. "A maioria das pessoas que escuta vê o par de olhos", eles disseram. Samuel duvidava muito que veria algo. A porta se abriu bruscamente e ele se assustou. Era seu irmão chegando da escola, eles dividiam o mesmo quarto. Samuel fechou rapidamente as janelas de pesquisa em seu aparelho.

— Tá vendo vídeos gay, né safado?! – Disse Caio.

Samuel encarou o irmão, e percebeu que seria melhor alguém o acompanhado quando fosse ouvir o áudio que os amigos tanto falavam. Provavelmente Caio riria dele. Sua personalidade irônica dificultava as coisas, ele tinha uma piada pronta para qualquer situação, mesmo que fosse uma situação indelicada. O jovem comum de dezessete anos vestindo camisa de banda e um *jeans* rasgado nos joelhos.

— E se eu tiver? Homofobia é crime, sabia disso? – Samuel respondeu rindo.

Caio riu, jogou a mochila no canto do quarto e sentou na segunda cadeira que ficava de frente para o computador. Eles a deixavam ali para quando quisessem ver filmes ou jogar juntos, por isso o teclado estava todo engordurado; resquícios de batatas chips ou de bolinho de chuva. Eles comiam e bebiam vendo suspense, comédia ou o quinquagésimo oitavo *Velozes e Furiosos*.

— Sério, mano. Você se assustou quando eu cheguei. Tá devendo?

— Claro que não. É que o povo lá da faculdade me indicou um áudio. Disseram que faz você sentir como se estivesse morrendo, algo capaz de induzir pensamentos e lembranças. Na verdade, existem vários desse tipo. Tem até um que causa os mesmos efeitos da maconha.

— Então o da maconha você já ouviu, né?! Para estar acreditando nessa porcaria. – Caio riu. O sorriso de canto de boca que sempre dava quando estava sacaneando o irmão.

Samuel mostrou ao irmão as explicações, que encontrara na internet, sobre o tal áudio. Os relatos, sempre semelhantes, que haviam sido postados por pessoas que testaram, na página de download do arquivo. Alguns exagerados diziam ter desenvolvido esquizofrenia.

— Se está na Internet é verdade! – Caio disse e os dois caíram na gargalhada.

Caio sugeriu que pesquisassem reações de pessoas, ouvindo o áudio, em um famoso site de compartilhamento de vídeos. E em todos os vídeos era comum ver pessoas deitadas, utilizando fones de ouvido e com os olhos vendados. Não pareceu ser tão assustador quanto disseram. Em certo momento as pessoas apenas retiravam bruscamente o fone e a venda, e diziam que não ouviriam até o final. Diziam que a sensação é incomoda e que sentiam um pesar inexplicável.

— Mano, eu vou testar essa porra. Quantos minutos tem o áudio? Pelo menos metade do tempo eu garanto. – Disse Caio.

— Vai ouvir agora? Não foi você que disse que era idiotice?

— Se nada acontecer tenho motivos pra zoar com a sua cara por um bom tempo. O garoto do curso de psicologia que tem medo de um som idiota, seus clientes nunca vão te respeitar.

Samuel, que também estava descrente, instruiu o irmão a se deitar, cobrir os olhos e relaxar. Caio controlou a respiração assim como o ordenado. Samuel ajudou-o a posicionar os fones de ouvido, para que nada escapasse e estragasse a experiência.

— Pode dar o play quando quiser.

Samuel iniciou o áudio que começou com um ruído desconexo, Caio decidiu não comentar nada sobre aquele chiado de panela de pressão. A regra era concentrar-se. O ruído foi se intensificando e parou.

— Parou por que, mano? – Caio perguntou.

— Eu não parei, caramba. Se você ficar falando não vai conseguir ter o efeito.

— Ah, voltou, voltou. Foi mal. – Caio ajustou a camisa que usava para vendar os olhos – Mano, coloca desde o começo de novo. Agora eu sei que fica mudo nessa parte, não vou interromper mais.

— O efeito é rápido, seu biquinho tá arrepiado. – Disse Samuel apertando o mamilo do irmão.

Eles riram novamente, riam talvez para esconder a tensão que ambos sentiam. No fundo eles acreditavam que algo pudesse acontecer, mesmo que negassem o fato até para si mesmo. Samuel reiniciou o som. Caio se concentrou no que estava ouvindo. Decidiu esquecer as piadas desta vez. A pausa no ruído aconteceu novamente e logo o som retornou. Justaposto ao ruído havia um segundo som, uma espécie de alternância de sons agudos. O ruído muda novamente, e agora Caio percebe um algo aveludado, contínuo. E mais outro barulho, parecido

com uma sirene, no limiar entre o agudo e o grave. Samuel tenta fazer silêncio para não estragar a experiência do irmão. Ele percebe que Caio treme levemente os dedos da mão. São espasmos quase que imperceptíveis. Caio começa a ter lembranças agora. O cheiro de terra molhada é forte, e ele corre por um campo extenso. De repente ele se vê deitado na grama, o desconforto na região do tórax começa. Está tudo escuro, mas ele pode enxergar perfeitamente. Algo está pressionando seu peito. Ele sabe que ainda está ouvindo o som indicado pelo irmão, ou melhor, que *ele* se propôs a ouvir. Ele sente o fone tocar as orelhas, da mesma forma que sente as mãos que puxam seu corpo para baixo. "*Então morrer é assim?* ", *e*le pensa. O céu escurece. Mas já estava escuro, não estava? Alguém caminha em direção a ele. Ele não vê, mas sente. Assim como sente a camisa tocar o rosto. Samuel está distraído vendo algo no celular, vez ou outra observa o irmão deitado. Há momentos que ele treme os braços, da mesma maneira que as pessoas dos vídeos que eles assistiram. Caio ouve sussurros. O que eles dizem? "*Não foi minha culpa"* Ele responde. "*Ele estava preso e escapou, o que eu poderia fazer? Eu tinha só sete anos*. " Os sussurros não vêm do fone. A rua está deserta e ele corre. "*Não deixe que ele veja"*, alguém diz. Quem diz? *"Você deixou o portão aberto, Caio*". Seus olhos estão marejados. As pálpebras tremem. Ele sabe o que vai encontrar e mesmo assim continua. Samuel olha o tempo em que o áudio está: Três minutos. "*Até agora nada aconteceu*", pensa Samuel. Caio está ajoelhado, está cavando. A cova é pequena. "*Agora é tarde, continue a cavar!* ". Ele está na rua novamente. Sente o fone no ouvido. Ele sabe que está no quarto ouvindo o áudio. É seu aniversário. "*Qual presente vai abrir primeiro, filho*? ". Sim, é claro que é a caixa grande. O embrulho é convidativo, cheio de cores. Quantos anos ele tem? Sete, oito, dez? "*Ah, meu Deus, Tobby. O que houve com você?* " O cachorro morto dentro da caixa está deformado e banhado em sangue, mas ele o reconhece. Ele sente algo na garganta. "*Não foi minha culpa, ele escapou. Não foi minha culpa*". Ele está relembrando coisas que custou a esquecer. A psicóloga sempre dizia: "*Um dia de cada vez*". Quanto tempo demoraria dessa vez? Os pássaros cantam, ele está diante de um portão descomunal, tão negro que é impossível controlar a angústia. "*Eu morri?* ". Ele ainda houve o ruído. Em algum lugar seus pais estão brigando. Ele quer um vídeo game, mas as contas estão atrasadas. "*Ele é persistente"*, pensa Samuel, "*parece estar aguentando firme"*. A culpa o flagela novamente. "*Eles se separaram por sua causa, moleque mimado*". Ele quer encontrá-los, quer pedir desculpas. Tobby está latindo do outro lado. Está tão frio. Ele vê dois pontos vermelhos em meio ao caos. Estão cada vez mais próximos. "*Ele sabe tudo sobre mim. Por favor, pare! Eu não quero me lembrar de mais nada!* ". Terra molhada, ele voltou, o céu está limpo. Nada daquilo aconteceu. Está quente, a chuva é refrescante. A mãe dele joga uma flor e sai. Ela está superando, tinha dois filhos, e agora só tem um. *Vou ouvir até o fim*. É uma melodia agradável agora. Caio toma consciência de que nada é para sempre. É desesperador. Tudo acaba. O que ele era antes da vida? O que será depois? Não há um depois, ele não sabe como, mas tem certeza disso. O par de luzes o encara, vermelho. Seus pais estão abraçados naquele lindo campo. Sua mãe exibe a enorme barriga, o bebê será uma criança sortuda, é notório como o casal se ama. Centenas de crianças adentram o espaço aberto, cada qual com seu animal de estimação. Elas trazem porcos, cabras, gatos, e outros animais que ele não consegue identificar. Todos presos por correntes grossas. Elas não querem que seus animaizinhos escapem, não querem que um caminhão em alta velocidade os estraçalhem. Ele vem rápido e desengonçado, com as vísceras

pendendo sobre a barriga aberta. Deixando um rastro de sangue e urina por onde passa, Caio se abaixa e o acaricia. Sua mandíbula está distorcida, por isso ele não pode latir. Caio pega o animal no colo e tenta se aproximar do casal que sabe ser seus pais. E quanto mais próximo ele chega mais os pais se afastam um do outro. As crianças gargalham acariciando seus animais. *Faltam poucos minutos*, Samuel pensa, *nada aconteceu, ele vai me sacanear pelo resto da vida*. Caio está suando e com frio, ele quer que Samuel pare o som, mas não consegue pedir, ele sente a própria presença naquele quarto e sente que também não está ali. A sensação de aperto no peito aumenta e ele mal consegue respirar. *Tinha tantas coisas que eu ainda queria fazer*. *As coisas vão continuar seguindo seu rumo eu estando aqui ou não.* O colchão está na sala e ele está preparado para mostrar a cambalhota que aprendeu, ele treinou o tempo todo no dia anterior. "O*utra hora, filho, papai precisa ir.* " Ele ouve o barulho da porta se fechando. Quantas vezes aquele barulho o fez chorar, será que Samuel chorava também? Não. Samuel sempre foi mais sério, mais contido. *Eu rio de tudo para esconder a dor, essa a única maneira de seguir em frente*. O par de olhos ainda o observa. Ele quer atravessar o portão, do outro lado seus pais estão juntos e Tobby está latindo. Do outro lado Samuel está brincando na rua e não precisa ficar preso em casa o ajudando a terminar a lição de matemática. Tudo isso, porque do outro lado ele não existe. Ele é o erro que deveria nunca ter estado do lado de lá. O som termina com um gradual ruído que vai ficando cada vez mais baixo. Silêncio. Ele retira os fones, senta na cama e respira fundo. Sua pele está pegajosa e ele está bastante pálido.

— Aguentou mesmo, hem, machão?! – Disse Samuel repousando a mão sobre o ombro do irmão. – Diz aí, deu efeito ou é só piada mesmo?

— Não importa. – Ele mantinha o olhar fixo no ignoto.

— Já que não vai dizer é minha vez de ouvir.

— Não ouça. Só... me perdoe.

O que ele estava dizendo? Samuel não entendeu aquela colocação. O irmão estava com o olhar perdido e respirava de maneira cansada. A angústia passa pouco tempo depois, ele se lembrou de Lucas dizendo. Mas a de Caio não passou. A mãe deles perguntou o que havia acontecido e eles se recusaram a responder. Caio deletou o som do computador e vigiou ao máximo para que o irmão não ouvisse. O que ele veria, quais as coisas que ele teme e o incomodam? Caio sentia o tempo todo aquela sensação de não fazer parte daquele lugar. Se ele não existisse o irmão teria o quarto só para ele. A mãe poderia conhecer outra pessoa e voltar a se sentir amada novamente, já que ele afastara todos os outros pretendentes. O incomodo latejava no peito de Caio. Dentro de semanas a mãe o convenceu a voltar às aulas, mas não era a mesma coisa, nunca mais seria. Samuel aproveitou a ausência de Caio, fez o download no som novamente e pressionou o play. O ruído macabro penetrou em seu ouvido e ele se entregou a sensação de desconforto que dragava seu peito e sua vontade de viver. Ele também viu coisas. A mãe socando a barriga tentando expelir a criaturazinha que estragaria seu corpo. "Foi um acidente", ela gritava. Mas não gritou isso para Caio, não mesmo?! Caio foi desejado, ele não. Por isso Caio ganhou o cachorro maldito que nunca deram a ele. *A rua é bastante movimentada*. *Quem sabe seu maldito cachorro queira dar um passeio*. Não saiu como o esperado. *Desculpa, eu não pensei que isso poderia te traumatizar desta forma*. "*Você deveria cuidar do Caio, não o machucar, você é um péssimo irmão*". O par de olhos era a única coisa

que ele podia ver naquele negrume obliterador. *“Não são olhos”*, ele compreendeu. *São luzes representando os únicos pontos que fazem sentido na nossa existência. A vida, e a morte; as duas pulsam igualmente seu desejo escarlate de permanecer. Estou entre elas, mas já não quero estar.* Ele ouviu um estrondo ensurdecedor, e instintivamente retirou os fones. Não haviam se passado nem sete minutos. Ele subiu a escada que levava aos cômodos de cima. A mãe batia violentamente na porta do banheiro. Samuel perguntou o que estava acontecendo.

— Caio chegou correndo e se trancou aí dentro. – A mãe conseguiu articular essas palavras entre soluços.

Samuel chocou o corpo contra a porta de madeira, ela era resistente, ele precisou de sete ou oito tentativas para abrir.

A visão lhe causou tontura imediata. Caio estava sentado no chão com os braços jogados ao lado do corpo. O local onde deveria estar sua cabeça era apenas uma meia-esfera oca, um hórrido indecifrável de carne. Sangue e pedaços de cérebro escorriam em todas as direções na parede. A parte de baixo da mandíbula ainda exibia um sorriso incompleto. A mãe desmaiou, aumentando o desespero de Samuel. *Eu causei isso. “Você é um péssimo irmão, Samuel”*. Ele tentou imaginar onde Caio havia conseguido a espingarda. Pura ingenuidade. A julgar pelo bairro em que moravam ele poderia muito bem ter comprado até se tivesse doze anos de idade. Ele pegou o papel, respingado de sangue, na pia do banheiro. E leu:

“Mãe, Samuel, pai... Sei que talvez nem todos vocês vão ler isso. Mas preciso registrar de qualquer forma. ”

A letra era perfeita e bem desenhada. O que significava que o bilhete havia sido escrito sem pressa, quem sabe dias ou horas antes.

“Eu ouvi a verdade, o som que mostra quem realmente somos. Na verdade, quem eu *realmente sou. Ou era. Eu sempre achei que as coisas tristes da vida poderiam ser mascaradas com sorrisos. Mas as vezes elas crescem e nos inundam de forma tão grosseira que não resta forças para lutar. O som me trouxe a verdade, dias depois eu ainda achava que queria estar do outro lado do portão. Na verdade, eu sempre estive, mas a minha presença perturbou a paz deste lado, quando atravessei o portão, ou melhor, quando eu nasci, acabei estragando a vida de vocês: as despesas aumentaram, fiz com que dividissem a atenção que deveria ser apenas de Samuel e nem tive a competência para cuidar do presente que me deram. Desculpa Tobby. Aqueles olhos me apontaram tudo isso. Eu tentei ser forte ao menos uma vez na vida e decidi ouvir o som até o fim. E tudo isso só me fez perceber que esse lugar não me pertence. Espero poder trazer a harmonia de vocês de volta. Quem sabe nossos pais voltem a ficar juntos, não seria ótimo, Samuel? Não estou com medo. Assim que eu puxar o gatilho vocês terão suas vidas de volta. E eu voltarei a não mais existir, assim como nunca existi. A vida é apenas uma penumbra, oscilante e incerta. Perdão por ter interrompido a paz. Eu atravessarei o portão pela última vez, concertem o que puderem. Pois eu não pude. ”*

As lágrimas de Samuel mancharam o papel. Era culpa dele. As sirenes tocando,

insistente como o maldito áudio. O enterro de um jovem é sempre mais pesaroso. Ele precisou abandonar a faculdade. Quem se consultaria com o psicólogo que causou o suicídio do próprio irmão? Seus amigos se esqueceram de avisar que não se deve mostrar o som a quem tivesse histórico de traumas ou desequilíbrios psicológicos. Pelo menos ele havia estudado até o ponto de poder lidar com a síndrome do pânico da mãe.

Muito tempo já se passou. Samuel ainda vê o par de olhos, ele ainda sente a pressão no peito e a angústia permanente. E a cada dia é mais difícil lutar contra a vontade de colocar os fones novamente. *O que ele ainda tem para me mostrar?* É isso que penetra a sua mente o tempo todo. Ele ainda resiste, por hora, sem saber por quanto tempo.



Suvenir

Sentado no banco dessa praça eu vejo que tudo foi diferente do que eu havia imaginado para mim. Eu alimento os pombos ignorando as placas colocadas nos quatro cantos. E vejo o garoto jovem que vende bombons para pagar a faculdade de história, ele tem o mesmo sorriso esperançoso que eu tinha. Posso imaginar ele indo dormir tarde após escrever mais algumas páginas sobre alguma civilização antiga, um trabalho de fim de semestre que o salvará depois do triste resultado da prova. Ele realmente se parece com o jovem que eu fui. Ele sorri todas as vezes que vem até mim abrindo a caixa de isopor com suas guloseimas caseiras. Eu sorrio de volta e sempre compro um ou dois mesmo odiando chocolate, a simpatia dele me anima. Estudei gestão financeira em uma das melhores universidades de São Paulo, e, como aquele jovem, também tive que dar meus pulos para poder pagar a faculdade mesmo tendo conseguido bolsa.

Me formei e consegui um emprego como gerente de contas em um dos bancos do centro da cidade, fui indicado por um amigo que já trabalhava lá. Apesar das metas absurdas eu sempre consegui manter o controle emocional, e as frequentes greves que fazíamos me permitiam conhecer diversas regiões do Brasil. Acho o Brasil um excelente país, não sei o porquê de as pessoas insistirem em adorar a terra do Tio Sam em detrimento à nossa amada Mãe verde e amarela. Adorava fazer as malas e decidir o destino de última hora. Os árduos anos de estudo foram recompensados de certa forma. Eu nunca fui muito de orações e até hoje não sou, mas como minha mãe sempre foi uma católica bastante fervorosa aceitei acompanhá-la até a Basílica de Aparecida. Fomos até a cidadezinha do Vale do Paraíba para que minha querida mãezinha pudesse cumprir a promessa que fizera: enviar a minha beca para que ficasse exposta na Sala das Promessas. Ela vivia reclamando da demora em cumprir a tal promessa. Era um orgulho para a Dona Carmen ver o único filho formado, tão bem ajeitado naquele terno que ela insistia em elogiar todos os dias. Ela tirou o carro cedo da garagem, um Pálio que eu mesmo dei a ela. E como dirigia bem aquela senhorinha que tanto amei! Ainda amo. Uma pena lembrar tão pouco do rosto dela, mais pena ainda não ter coragem de olhar as fotos que são a única lembrança da minha amada mãe.

Lembro que a primeira coisa que fizemos, depois de estacionar o carro no pátio do Santuário, foi comprar o enorme picolé chamado de Itú pelos aparecidenses, fazendo referência à cidade onde tudo tem tamanho avantajado. A atendente usava um colete verde e parecia muito feliz em nos acolher em sua terra. Vimos os vendedores ambulantes carregando seus cabides onde expunham terços e cordões com crucifixos, simples, senhoras idosas em sua maioria. Elas tinham um semblante sofrido, cansado e esperançoso. Comprei um terço de uma tal de Dona Elza, uma velhinha bastante simpática que foi ousada o bastante para me roubar um singelo beijo quando disse a ela que poderia ficar com o troco. Me lembrou a falecida e famosa apresentadora da TV. Gracinha. A Catedral Mariana emanava uma energia própria,

com seu tamanho imponente formado por milhares de tijolos. Aquela fora uma das construções mais magnificas que tive o prazer de conhecer, mas até hoje penso que seria melhor não ter conhecido. Ou melhor, seria mais inteligente não ter feito o que eu fiz.

Na companhia de minha mãe adentrei a Sala das Promessas que ficava localizada no subsolo da magnifica igreja. Ficamos estupefatos com a peculiaridade do local. As paredes e o teto estavam cobertos por fotos deixadas por milhares de pessoas, todas com uma história diferente de superação ou de pedido de ajuda. Havia peças de cera, cada qual representando a enfermidade que acometia o dono do objeto. Cabeças representando doenças mentais, corações representando cardiopatias, fígados representando hepatopatias e assim por diante frente às inúmeras possibilidades de se representar as moléstias que nos encontram. Chegamos até ao balcão que recebia os itens e entregamos minha beca à mulher de riso fácil que atendia os devotos. Ela nos deu uma folha pautada para que pudéssemos relatar a história por trás do objeto que entregávamos. Mamãe redigiu tudo em sua belíssima letra caligráfica. Faltava muito para a hora do almoço e por isso decidimos tomar um segundo café da manhã, já que o primeiro fora uma parada rápida na estrada para devorar uma torta de frango amanhecida, porém muito saborosa. Dona Carmen era uma excelente cozinheira.

Compramos alguns pães de queijo e dois copos de chocolate quente, precisei de mais do que uma nota de cinquenta para pagar a refeição. Achei um absurdo, afinal eles recebiam a visita de gente humilde em sua maioria e não deveriam ter preços tão abusivos diante de quem veio apenas para concretizar a fé. Mas quem sou eu para julgar abuso financeiro, fui um gerente de banco e uma das coisas que mais cometi na vida foi esse tipo de abuso. Mamãe estava cansada e decidiu que ficaria sentada observando a movimentação de pessoas que iam e vinham apressados tentando aproveitar ao máximo sua estada na cidade santa. Foi então que cometi meu maior erro.

Disse a ela que andaria um pouco por ali para conhecer um pouco mais aquela enorme construção, ela assentiu, abriu a bolsa e tirou um livro de capa azul – que até hoje tento me lembrar qual era – para matar o tempo. Andei muito e acabei encontrando uma porta de metal, dessas de enrolar. Ela estava aberta pela metade e como não vi ninguém por perto acabei decidindo matar minha curiosidade. Esgueirei-me por debaixo da porta, coisa que seria praticamente impossível para mim hoje aos setenta e dois anos de idade. Aparentemente ali era o fundo da Sala das Promessas, um cômodo complementar para ser mais exato. Digo isso porque encontrei ali caixas e mais caixas repletas de peças de cera, membros e órgãos. Havia também caixas contendo radiografias e tomografias. Caixas com brinquedos, caixas com roupas e alguns tambores com objetos perfurocortantes. Mas o que mais me chamou a atenção foi um saco preto contendo mechas de cabelo dentro. As mechas estavam organizadas em pequenos sacos plásticos e acompanhavam uma breve descrição do caso. Acabei me perdendo lendo as diminutas histórias que cada mecha trazia. Uma em especial me intrigou. Até hoje busco em mim o motivo de ter afundado o braço até o fim do saco e retirado de lá aquele bendito cabelo. Era uma mecha ruiva. Um acobreado natural que parecia manter o brilho mesmo dentro daquele invólucro. Uma beleza ímpar. Senti-me um garimpeiro ao encontrar um diamante após dias de busca. O meu diamante tinha cor de fogo e já estava lapidado, era formado por fios, e cada fio era capaz de trazer inveja às mais belas joias da natureza. Eu li o papel, e tentarei reproduzir aqui o conteúdo da melhor forma que puder. Já se passaram tantos

anos e pode ser que a memória me traia neste momento.

Maitê S. Leal. Dezesseis anos. – Pela cura de seu melanoma nodular. Esperamos na graça de Maria que possamos encontrar a cura de sua doença. Que sua pele volte a ser linda novamente.

A dona daqueles lindos cabelos tinha câncer de pele. A família pedia pela cura divina, depositara toda sua esperança naquele Santuário e eu acabei com tudo. Naquele momento eu não pensei no ato deplorável que estava fazendo, eu iria devolver o papel (ou é nisso que eu quero acreditar até agora). Um jovem de avental branco e luvas de borracha na mão apareceu, no susto acabei enfiando a mecha de cabelo no bolso de minha calça. Ele perguntou o que eu queria, foi tão educado que quase contei que tencionava furtar o cabelo que havia encontrado. Ele me dispensou explicando que ali se tratava de uma área restrita, certamente para que gente como eu não extraviasse os objetos. Decidi levar aquele pequeno tufo como lembrança, como uma pequena concha que apanhamos à beira do mar. Felizmente o mar não cobra o que levamos dele, pelo menos não da maneira que fui cobrado.

Retornei ao local onde havia deixado minha mãe, ela não estava lá. A preocupação passou no instante em que percebi que ela estava na porta do bazar que também ficava no subsolo. A pequena loja, o bazar, dispunha de itens que os fiéis deixavam e autorizavam sua venda por um preço mínimo. Nos divertimos vendo os vestidos de noiva e alguns instrumentos musicais que também estavam à venda por uma porcentagem do preço original. Assistimos a missa e partimos de volta à São Paulo no fim da tarde, não sem antes comprar outro Itú. Aquele sorvete era ótimo.

Chegando em casa que me lembrei da ilicitude que havia cometido. Mas já era tarde. Fui tomar um banho. Tirei da calça a belíssima mecha, encantadora como o pôr-do-sol e igualmente contendo suas nuances de vermelho alaranjado. Joguei o papel do pedido de cura no vaso sanitário e dei descarga. Havia acabado de assinar meu decreto de desgraça.

Coloquei aqueles fios em um pote de vidro e enfeitei a estante que ficava em meu quarto. Eles pareciam ter uma luminescência convidativa, ou talvez seja o fascínio me fazendo ver o que não estava lá. Minha mãe questionou a origem daqueles cabelos e respondi que havia ganhado de uma amiga. Ela fez uma piada sobre namoro e rapidamente esqueceu o caso. Durante algumas semanas sonhei com a dona daquelas madeixas de fogo. Ela apenas ficava parada me encarando, linda como imaginei que fosse. As sardas em seu rosto faziam-na única. O olhar meigo e encantador me encarava sem dizer palavra, ainda assim parecia clamar por algo que só eu poderia lhe conceder. Acabei esquecendo-a depois de certo tempo. Viajei muito aproveitando as inúmeras férias que as greves bancárias me dispunham. E anos depois, quando já havia esquecido a viagem à Aparecida e quando o pote com os cabelos acobreados era apenas um objeto forrado de pó em cima do meu guarda roupa, ela voltou.

Apenas pude reconhecê-la pela cor dos cabelos, pois não havia nenhum traço da beleza da moça que me visitara em sonho. Ela estava nua, parada no umbral do meu quarto, me observando protegida pela penumbra. Em seu corpo pude ver as incontáveis manchas negras que estavam em relevo sobre a pele quebradiça. As feridas sangravam e vazavam um líquido purulento. Notei também o enorme tumor acinzentado que latejava funesto na virilha da moça. Ela me fitava e seus olhos clamavam pela chance de cura que eu havia roubado. Estava deitado na cama e no auge do pavor consegui me virar para o lado oposto pensando que assim ficaria

em paz. Fechei os olhos e tentei conter o tremor que regia meu corpo. Cobri-me dos pés à cabeça e ainda assim senti o hálito pútrido daquela garota soprar em minha nuca. Ela sussurrou maldições em meu ouvido, agouros aviltantes que jamais ousarei repetir. Tentei dizer que devolveria o que havia furtado, mas nenhuma palavra saíra de minha boca. Ela insistiu em me agourar até que os primeiros raios de sol pintassem o horizonte.

Durante semanas recebi a maldita visita. Não posso dizer com toda certeza se os eventos que narrarei a partir de então têm relação com a menina que me assombrava, mas acredito demasiadamente que sim. Naqueles dias, enquanto minha mãe preparava o almoço, notei em seu pescoço uma singela pinta. Uma pinta que nunca havia visto antes. Ignorei-a, a pinta, de início. Tempo depois a pinta estava maior e havia outras dela pelo corpo de minha mãe. Procuramos um médico e dona Carmen desabou diante ao diagnostico: melanoma metástico. Logo ela, mulher que adoecera menos vezes que a quantia de dedos que havia em sua mão. Eu a vi definhar, devorada pelo câncer que tomara seu corpo. Acompanhei-a todos os dias de seu falho tratamento e a cada vez que adentrei o hospital senti o olhar da garota que me visitara. Senti a sensação de ser caçoado. A garota morta não estava ali, mas eu sentia sua zombaria assistindo minha genitora sofrer. Vi minha mãe partir após uma longa noite de delírios. Pensei ouvi-la murmurar “devolva” antes de falecer em meus braços naquele quarto que recendia a éter.

Dormi com muitas garotas, mas jamais quis me casar nem muito menos ter filhos. Cogitei formar uma família em algum momento antes de tudo acontecer, porém o medo me manteve afastado das pessoas. Pensei que Rebeca poderia ser uma boa esposa, namorei-a por um bom tempo, até o dia em que ela me ajudou a faxinar meu quarto. Ela pegou o pote empoeirado e indagou enciumada sobre quem era a dona daquela mecha. Respondi que era presente de uma prima distante e ela, como odiava brigas, pareceu aceitar a resposta. Dias depois notei as manchas avermelhadas nas mãos e nos pés de Rebeca, formando bolhas recheadas de pus. As bolhas estouravam e faziam a pele avermelhada descamar. A psoríase pustulosa tirou de Rebeca a vontade de viver, encontrei-a enrolada em um cobertor em seu apartamento. A caixa do remédio tarja preta delatou-a, ela era linda e não aceitaria viver com aquela aparência. Me afastei de amigos, rejeitei mulheres, não queria que a maldição tirasse mais ninguém de mim. Voltei a Aparecida e devolvi a mecha de cabelo depois de muito tempo. Cogitei reescrever o pedido, mas já era tarde. Há males que fogem do nosso controle.

Olho as horas em meu pulso e decido voltar à solidão de minha casa. O jovem vendedor de bombons percebe que estou indo embora e pergunta se eu não gostaria de ficar com os três últimos chocolates que sobraram. Eu sorrio, abro a carteira e entrego a ele uma nota dizendo para ficar com o troco. Ele agradece pegando a nota e eu vejo o minúsculo ponto preto no dorso de sua mão direita.

Aquela pinta não estava ali antes.



Posfácio

Nunca pensei que este livro fosse realmente sair da fase “projeto”, mas cá estamos nós. Esta é uma breve oportunidade de conversar com você, leitor(a), de dizer o quanto gostei de ter escrito cada palavra que você leu aqui. Talvez você me ache doentio ou no mínimo fora de ordem, apenas posso dizer que a ficção pode ser horrenda, mas a realidade é muito mais. Sou um cara tranquilo que, apenas, viu na escrita uma maneira de mostrar coisas sobre a humanidade que geralmente ninguém comenta.

Respire aliviado agora, os gritos cessaram, pelo menos por enquanto. Porém, não estou aqui para te acalmar ou garantir o seu soninho de hoje, na verdade, espero que não consiga dormir, só assim saberei que consegui assombrá-lo. Tem mais gritos de onde esses vieram, quero te contar outras histórias qualquer dia desses. Mas para isso preciso da sua atenção.

Você, leitor(a), faz tudo valer a pena. As histórias surgem repentinas como mãos ossudas saídas do armário, ou como um pio cortante de uma coruja no meio da noite. Se consegui assustar você, fico agradecido, estamos conectados agora. E o medo que lhe causei velará teu sono com olhos amarelos que nunca descansam.

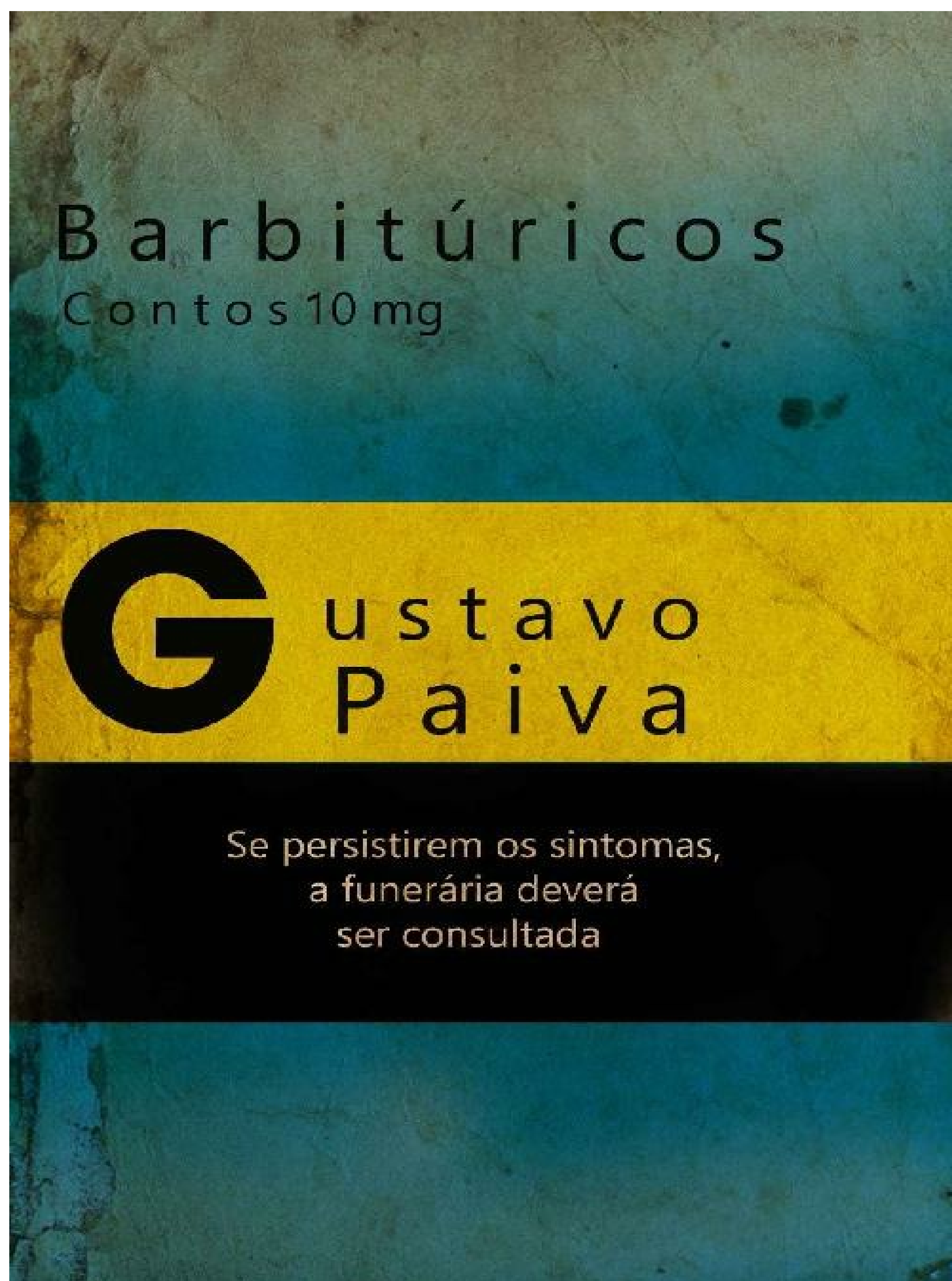
Se por acaso ouvir algo nas noites que virão, enterre sua curiosidade e não olhe, serão apenas as sombras das minhas histórias dançando enquanto você não pega no sono.

Eu poderia dizer que elas são inofensivas...

Mas o fato é que eu odeio mentiras...

Gustavo Paiva

EM BREVE...



Siga o IG @l.gustavopaiva para saber mais!